



doi “O homem da areia” e outras histórias: uma leitura das dinâmicas familiares a partir das ideias de Winnicott ou o mundo tomado em pequenas doses*

The Sandman and other stories: a family dynamic interpretation based on Winnicott thoughts or the world taken in small portions

 Maria do Rosário Belo**

Resumo: Partindo dos pressupostos winnicottianos de “dependência absoluta”, “ambiente subjectivo” e “mãe suficientemente boa”, a autora propõe a possibilidade da participação da família – com especial relevo para o pai – na “vida subjectiva” do bebé. No presente texto, as designações “vida subjectiva”, “ambiente subjectivo”, “mundo subjectivo”, “realidade subjectiva” têm todas o mesmo significado. Respeitando, portanto, os princípios winnicottianos presentes na “teoria do amadurecimento”, a autora propõe que os “elementos” que possibilitam os posteriores processos de separação, diferenciação e acesso à “realidade objectiva” (“compartilhada”) estão presentes desde o início (desde a fase de “dependência absoluta”) na vida do bebé. Após estas considerações, propõe a falha destes “elementos primários” (considerados facilitadores dos futuros processos de “separação”, “diferenciação” e acesso à “realidade compartilhada”) como favorecedora da constituição de núcleos psicóticos (“confusionais”) da personalidade. O levantamento destas hipóteses é ilustrado com conhecido conto de Hoffmann (2005) “O homem da areia” e tem por base a clínica psicanalítica da autora.

Palavras-chave: dependência absoluta, ambiente subjectivo, mãe suficientemente boa, realidade diversa, família, pai.

Abstract: The author proposes the possibility of the family participation - with emphasis on the father - in the baby’s “subjective life” in agreement with Winnicottian concepts of “absolute dependence”, “subjective environment” and “good enough mother”. In this text all the following terms have the same meaning: “subjective life”, “subjective environment”, “subjective world” and “subjective reality”. Therefore, respecting the Winnicottian principles present in the “Theory of Maturing”. The author proposes that the “elements” that allow the subsequent separation processes, differentiation and access to “objective reality” (“shared reality”), are present from the beginning (from the stage of “absolute dependence”) in the baby’s life. After these considerations, the author proposes the failure

* Neste artigo, optamos por preservar a grafia da língua portuguesa usada em Portugal. [N.E.]

** Psicanalista, membro didata da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica (AP).

of these “primary elements” (considered facilitators of future processes of “separation”, “differentiation” and access to “shared reality”) as favoring the formation of personality’s (“confusionals”) psychotic nuclei. These hypotheses are illustrated by the well known tale written by Hoffmann, “The sandman” (2005) and the author’s own psychoanalytic practice.

Keywords: absolute dependence, subjective environment, good enough mother, diverse reality, family, father.

Este trabalho partiu do encontro entre as minhas reflexões (provenientes da clínica psicanalítica) e uma leitura winnicottiana do conhecido conto de Hoffmann (2005), “O homem da areia” (a propósito das dinâmicas familiares subentendidas na história). Mas antes de apresentar a tese que fundamenta este estudo, gostaria de enunciar os conceitos ou pressupostos que orientaram o meu pensamento.

Em primeiro lugar, quero começar por afirmar que tudo o que a seguir poderei escrever está enraizado na ideia winnicottiana de que nada – mas mesmo nada – pode ter existência objectiva sem que antes tenha sido subjectivo. Esta ideia já antes tinha sido afirmada por mim no artigo “Destruição e recriação: dinâmica inevitável à vida” (2013), sendo que neste artigo chamo “ilusão” ao que aqui vou chamar “subjectividade” ou “existência subjectiva” – que também pode ser entendido como “conhecimento subjectivo”. Com esta expressão, “conhecimento subjectivo”, não me estou no entanto a referir à sua dimensão especificamente intelectual. Considerar esta dimensão específica implica, em Winnicott (1988/1990), considerar uma função da mente que se conquista ao longo do amadurecimento e que pressupõe a existência de um conjunto de condições favoráveis – e não é essa fase mais tardia que estamos neste momento a considerar. Na sua dimensão intelectual, o conhecimento, não é uma função disponível ao bebé desde o início (ver *Natureza humana* [Winnicott, 1988/1990, pp. 161-162]). Assim, o sentido em que aqui empregamos este termo refere-se à fase do amadurecimento da “dependência absoluta” (Winnicott, 1986b/2005)¹ que reenvia para um tipo de conhecimento necessariamente primitivo e ligado às sensações corporais. Estas, nesta fase, não são sentidas como internas nem como externas, pois o bebé não está ainda constituído como um ser delimitado do exterior.

Esta primeira afirmação não pressupõe, portanto, a ideia kleiniana de objectos mentais pré-formados na mente precoce bebé (como seio bom, seio mau, pénis do pai, etc.). Partimos do pressuposto winnicottiano de uma condição inicial inerente ao ser humano – a que ele chamou “dependência absoluta” – caracterizada fundamentalmente por fenómenos subjectivos – nem internos nem externos – precursora da “transicionalidade”,² e mais tarde, da separação efectiva entre o dentro

¹ Primeira fase da teoria do amadurecimento descrita por Winnicott em vários contextos, ao longo da sua obra; por exemplo, em *A família e o desenvolvimento individual* (Winnicott, 1965a/2005). Um estudo aprofundado e sistematizado sobre a teoria do amadurecimento em Winnicott encontra-se em Elsa Oliveira Dias (2012) no seu livro *A teoria do amadurecimento* de D. W. Winnicott.

² Este termo refere-se a mais uma etapa do amadurecimento, caracterizada por “fenómenos transitivos” (Winnicott, 1971a/1975). Estes são referentes a uma “terceira área de experiência” – uma área intermédia de experimentação – que não é dentro nem fora, ou seja, para a qual contribuem tanto a realidade quanto a fantasia e face à qual nenhuma reivindicação é feita. Esta área situa-se entre a incapacidade do bebé para reconhecer a realidade objectiva e a sua crescente aptidão para a reconhecer e aceitar. Em *O brincar e a realidade*, Winnicott (1971a/1975) refere-se à “transicionalidade” como a etapa do amadurecimento (algures entre os 4 e os 12 meses de idade) em que ocorre a primeira

e o para. Consequentemente, será também precursora da possibilidade de acesso à realidade objectiva³ (nomeadamente objectal⁴).

Esta ideia prende-se com uma outra, desenvolvida ao longo do texto, de que, *na saúde, os elementos de separação e diferenciação estão presentes, desde sempre, na vida do bebé*. Aqui se incluem os contactos precursores das relações com pessoas significativas, onde se poderá incluir a família, para além da mãe ou seu substituto.

A este respeito, evoco um estudo realizado por Piontelli (1995) sobre gestações gemelares, que mostra que os fetos comunicam uns com os outros a partir da décima semana, respondendo a pequenos toques e à pressão resultante da presença do outro feto. O mesmo estudo demonstra uma estimulação entre pares (entre os dois fetos), primeiro nos gémeos monocoríónicos e mais tarde em gémeos diacoríónicos; evidenciando uma primeira forma de relação, simultânea com aquela que estabelecem com a mãe. Estes dados parecem apontar para uma capacidade para a diversidade bastante precoce, talvez até inata. *A nossa hipótese é que o bebé (ou o feto) vai integrando, desde sempre, esta diversidade na sua vida subjectiva, embora nestas fases mais precoces não tenha ainda capacidade para a diferenciar* (na medida em que tudo se passa no seu “mundo subjectivo”). Utilizaremos, pois, o termo “subjectivo” no mesmo sentido que lhe foi dado por Winnicott. Ou seja, referindo-nos à ilusão do bebé, na fase de dependência absoluta, de ter criado “os objectos”⁵ que a mãe lhe apresentou no exacto momento do seu “gesto espontâneo” (Winnicott, 1965b/1983, p. 133). Da mesma forma, entendemos por “gesto espontâneo” o conceito usado por Winnicott (1965b/1983, 1988/1990) para descrever o “movimento espontâneo” do bebé na fase de “dependência absoluta”. Este “movimento” comporta por um lado a expressão do “Self-Verdadeiro” (Winnicott, 1965b/1983, p. 135) e por outro a “descoberta” do ambiente (o bebé “toca” o ambiente). Para Winnicott, existe o mundo que o bebé habita (o mundo subjectivo do bebé) e o mundo dos objectos disponíveis para serem descobertos (“criados”) no interior desse mundo subjectivo, com a ajuda da “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1965b/1983). Assim, se a descoberta do mundo for feita a partir do bebé (através do seu “gesto espontâneo”), ele sentirá essa experiência como real e sentir-se-á vivo. É

utilização de um objecto “não-eu” (elegido pelo bebé a partir do seu mundo subjectivo). Este objecto, não sendo a mãe (ou o seio), contém já a possibilidade de a representar.

³ “Realidade objectiva” significa aqui “realidade compartilhada”. Referimo-nos ao facto de, por exemplo, uma cadeira ser uma cadeira para todos nós, independentemente do que isso evoca em cada um de nós (independentemente da nossa subjectividade).

⁴ Referimo-nos às relações de objecto, propriamente ditas; o que pressupõe a existência de dois seres separados, delimitados (com fronteira entre o dentro e o para) e diferenciados (com identidade).

⁵ “Objectos” aqui não comportam a dimensão de diferenciação, uma vez que nesta fase, o bebé ainda não está constituído como um ser separado – são objectos subjectivos.

o “gesto espontâneo” do bebé que está na origem da “criatividade originária” (Winnicott, 1988/1990, p. 130). Esta, por sua vez, é a raiz de todos os fenómenos criativos do ser humano e é responsável pelo sentimento de que a vida e a realidade fazem sentido. Se, pelo contrário, é o ambiente que “atropela” o bebé (de forma repetida e invasiva), então este, em vez de descobrir o mundo e de se descobrir criativo, vai ficar submerso neste ambiente⁶ e vai organizar uma forma falsa de lidar com a realidade exterior (isolando o núcleo primitivo do seu “Eu Verdadeiro” (Winnicott, 1958a/2000).

Este conceito, “subjectivo”, está portanto ligado ao conceito de “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1965b/1983, p. 133) e não é usado (nem aqui nem em Winnicott) para acentuar a dicotomia sujeito-objecto.⁷ Ou seja, aqui, como nas concepções de Winnicott, o termo “subjectivo” refere-se ao âmbito pessoal do bebé, mas não significa que ele seja um sujeito apto a objectivar a realidade.

Posto isto, cabe lembrar outros autores que se alinham com Winnicott, relativamente ao facto de que o bebé procura desde sempre, e já mesmo no interior do útero materno, contacto humano. Para além dos autores, como Piontelli (1995), Stern (2006), ou mesmo Bowlby (2006), que tecem as suas considerações a partir da observação directa de bebés, destaco outros que, tal como Winnicott, foram baseando a sua investigação na clínica psicanalítica. São eles, por exemplo, Fairbairn (2000), Balint (1993), Kohut (1989), Coimbra de Matos (2003), etc. Todos, de forma mais explícita ou mais implícita, parecem partir do pressuposto do encontro humano na base da possibilidade da existência humana.⁸

Outro pressuposto que fundamenta este texto é a “tendência natural para a integração ao longo do amadurecimento” (Winnicott, 1965b/1983), na presença de um meio não intrusivo e protector – estou, no entanto, a utilizar o termo “natural” para me referir ao que Winnicott designou por “inato” (Winnicott, 1965b/1983). Para Winnicott a tendência inata ao desenvolvimento “corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções” (Winnicott, 1965b/1983, p. 5). Da mesma forma, Winnicott refere-se à integração como algo que ocorre a partir de um estágio primário “não integrado”, sendo uma consequência natural do desenvolvimento (Winnicott, 1965b/1983, p. 59), em condições suficientemente boas. Ou seja, apesar de ser uma tendência,

⁶ Nesta fase, o que existe na vida do bebé é o ambiente, mesmo quando se trata de uma pessoa, daí falarmos de “objectos subjectivos”.

⁷ Dicotomia esta que, em Winnicott (como no presente texto), implica a aquisição do estágio “Eu-Sou” (Winnicott, 1965b/1983, pp. 31-37).

⁸ Por “encontro humano”, queremos dizer “encontro afectivo” e com “possibilidade de existência” estamos a considerar a “existência psicoafectiva completa”, ou seja, um ser humano com identidade – integração psíquica e corporal – e desejos próprios.

necessita, para que efectivamente se verifique, da presença da “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1965b/1983, p. 133). Trata-se de um conceito amplamente abordado em toda a sua obra, pelo que remeteria ainda o leitor para o capítulo “O desenvolvimento nos primeiros estágios” do livro *Tudo começa em casa* (Winnicott, 1986b/2005, p. 11), ou para o texto “Desenvolvimento emocional primitivo” no livro *Da pediatria à psicanálise* (Winnicott, 1958a/2000, pp. 218 - 232).

Finalmente, como último pressuposto, falta referir que as ideias desenvolvidas neste trabalho têm por base a “teoria do amadurecimento” de D. W. Winnicott, amplamente estudada por Elsa Oliveira Dias (2012).

Gostaria de defender a tese, aparentemente contraditória com a posição de Winnicott, de que *não é só a mãe, mas sim todos os elementos da família com especial enfoque para o pai, que afectam o bebé desde as fases mais iniciais do seu desenvolvimento*. Veremos que esta contradição será esbatida.

A presença da família na fase da “dependência absoluta” e no “ambiente subjectivo”⁹ do bebé não é alheia à teoria winniciotiana (Dias, 2012). O que agora proponho de novo é que, além disso, ela participa activamente, e em doses toleráveis para o bebé, na sua vida subjectiva. Isto não tem nada a ver com o Édipo primitivo de que falava Melanie Klein, como espero deixar bem claro.

A família está presente no ambiente subjectivo do bebé, desde logo porque está presente na vida subjectiva e no interior da mãe. Mas não só. Também porque participa na vida do bebé (Dias, 2012) enquanto “objecto subjectivo”.¹⁰ No entanto, do meu ponto de vista, os “objectos subjectivos” que constituem a família não são apenas eventuais substitutos maternos. Eles têm valor enquanto objectos que, do ponto de vista do observador, são diferentes da mãe, ou seja, ainda que se enquadrem no ambiente proporcionado pela mãe, introduzem algo de novo.

Sabemos que em Winnicott, nesta fase inicial de “dependência absoluta” (Winnicott, 1965b/1983), o único ambiente que conta para o bebé é a mãe, sendo que todo o restante ambiente apenas o afecta na justa medida em que afecta a sua mãe. Uma das funções da “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1965b/1983) é a de proteger o bebé da diversidade ambiental que, caso lhe chegue

⁹ Por “ambiente subjectivo” referimo-nos ao modo como o bebé sente o ambiente que o rodeia, na fase da dependência absoluta (Winnicott, 1965b/1983), e não, como já explicámos, ao sentido que lhe é dado a partir da perspectiva metafísica ou das teorias da subjectividade.

¹⁰ Aqui fica, mais uma vez, a nota de que “objecto subjectivo” é o nome que Winnicott (1965b/1983) dá ao objecto que é “criado” pelo bebé; sendo que o termo não se inscreve em nada do que se identifica com o termo “subjectividade”, tal como ele é descrito pelas teorias da subjectividade, nem implica a existência de algo que é percebido ou investido. Neste sentido, vale ainda a pena deixar claro que o que mobiliza o bebé a esta criação é a necessidade pessoal de integrar e não uma pulsão com pressão e finalidade (tal como conceituada na teoria freudiana). Encontramos o sentido deste termo em Winnicott, por exemplo, em *O ambiente e os processos de maturação* (Winnicott, 1965b/1983).

prematuramente, será traumática por provocar uma “quebra na continuidade do ser” (Dias, 2012). O mundo deve ser apresentado ao bebé em “pequenas doses” (Winnicott, 1958a/2000), como nós entendemos que em “pequenas doses” deve ser dada a participação da família. Winnicott (1958a/2000) defende que, nesta fase, o bebé não ganha nada em ter vários cuidadores; apontando como ideal a eleição de uma só pessoa responsável pelos cuidados. Vê contudo vantagem na “adopção” de uma “mãe substituta” caso a mãe não esteja em condições de cuidar do bebé. Diz o autor, em *Da pediatria à psicanálise* (1958a/2000), referindo-se aos momentos de ilusão:

O processo é enormemente simplificado, se o bebé é cuidado por uma única pessoa e uma única técnica. Poder-se-ia dizer que os bebés são construídos de modo a serem cuidados desde o nascimento por sua própria mãe ou, na falta desta, por uma mãe adoptiva (...). (Winnicott, 1958a/2000, pp. 227-228)

E mais adiante, diz: “Somente com base na monotonia pode a mãe adicionar riqueza de modo produtivo” (Winnicott, 1958a/ 2000, p. 228).

A nuance que estamos agora a introduzir é a ideia de que existe um “meio” para além da mãe e que esse “meio” – exactamente porque existe a “mãe suficientemente boa” (Winnicott, 1965b/1983) – não é invasor para o bebé.¹¹ Ele apenas está lá, disponível para ser tocado pelo bebé¹² no momento do seu “gesto espontâneo” (Winnicott, 1988/1990).¹³ Pertencerá ao mundo dos objectos apresentados (ou mediados) pela mãe,¹⁴ pelo que esta manterá a sua função protectora das invasões (internas ou externas¹⁵). Na nossa leitura, as pessoas que rodeiam o bebé deixam-lhe “uma semente de diferença” (ou de diversidade) “não intrusiva” (o tom de voz, a pressão do toque, etc.)

¹¹ Também nós partimos do princípio de que o bebé ganha com a estabilização do “igual” (tal como afirma Winnicott, 1958a/2000, p. 228) para depois poder lidar com a diferença. Daí a importância fundamental da presença da “mãe suficientemente boa”.

¹² Já que partimos do princípio que o bebé está apto a “lidar” com “pequenas doses de diferença” desde sempre. Julgamos até que o que poderia ser traumático seria a “não experiência” desse encontro. Estamos a supor que tal ficasse registado no seu inconsciente não acontecido (Dias, 2012). Adiante voltarei a esta noção.

¹³ São objectos disponíveis, a serem “tocados” pelo bebé, em função do seu “gesto espontâneo”: por exemplo, quem já lidou com bebés sabe que por vezes estes, em estado de excitação, beneficiam em mudar de colo (da mãe para o pai, por exemplo) e que por vezes essa troca, não só alivia a angústia da mãe como acrescenta algo de novo ao bebé. Ele beneficia com a apresentação de um “objecto real”, embora não o perceba como novo.

¹⁴ Winnicott (1958a/2000) descreve três tarefas iniciais do bebé, na fase de “dependência absoluta”: 1) A “Integração”, que é, em primeiro lugar, a integração do próprio corpo; o segurar adequado do bebé permite-lhe reunir os pedaços de si, dando-lhe a sensação de limite corporal, que é uma das funções do holding; 2) a “Personalização”, que tem a ver com a experiência de “estar dentro do próprio corpo” (Winnicott, 1958a/2000, p. 225), ligada aos cuidados corporais (handling) e 3) a “Realização”, que tem a ver com a apresentação dos objectos da realidade objectiva (Winnicott, 1958a/2000, p. 228).

¹⁵ Winnicott (1958a/2000) refere-se a dois tipos de invasões possíveis, caso o cuidado materno falhe: as invasões que provêm do meio exterior e as invasões que provêm da actividade instintual. Na realidade o bebé não as diferencia – não sabe se vêm de dentro se vêm de fora – nem mesmo tem qualquer noção de dentro ou fora.

que germinará em tempo próprio. Nomeadamente, após a fase da “dependência absoluta”, quando o bebé sair de uma existência do tipo “dois em um”¹⁶ Winnicott, 1958a/2000) e quando for possível uma existência mais autónoma (a “dependência relativa”¹⁷ rumo a uma cada vez maior independência [Winnicott, 1965b/1983, pp. 46 e 83]). Quando os objectos forem cada vez mais identificados nas suas diferenças, será então possível estabelecer diferentes tipos de relação. Tal não significa, deixo claro, que na fase mais primitiva de “dependência absoluta” o bebé “perceba” este meio inicial como “diferente”. Para o bebé o ambiente inicial é subjectivo¹⁸: o bebé não sabe nada do que o rodeia, apenas tem sensações, que podem ser agradáveis ou desagradáveis; tranquilizadoras ou invasoras. O que postulamos é que, apesar disso, além da mãe, este meio existe desde o início e que a sua presença conta, ainda que esta possa – e deva – ser discreta¹⁹, isto é, integrada no mundo subjectivo do bebé.

Para Winnicott (1958/2000), na fase da “dependência absoluta”, o bebé e a mãe formam uma unidade, sendo que o que ele “percebe” nela é o que ele sente que é. Ao colocarmos a hipótese de o bebé “tocar” outros objectos que não a mãe (embora ele não os diferencie) em “quantidades mínimas” (por via da acção da mãe), não deixo de ter em mente o “modo relacional primitivo” (se assim podermos chamar) proposto por Winnicott (1958/2000). Ou seja, tal como o autor previne, existe a estabilização de um padrão, a instalação de uma monotonia que permita a previsibilidade, facilitando os processos de integração do bebé. Assim sendo, se as condições ambientais forem favoráveis – se o bebé não for invadido pelo ambiente – no momento em que toca estes objectos, ele passa a ser aquela sensação: elemento feminino puro (Winnicott, 1971/1975). Nesse momento o bebé é aquele objecto, e se o contacto for realmente uma experiência (com raiz no “gesto espontâneo”), então o bebé seguramente ficou mais rico. Deste meu ponto de vista, os restantes objectos, para além da mãe, também começam a organizar uma relação interna com o bebé, desde sempre e ainda antes do nascimento do mesmo. Esta relação interna corresponde, em meu entender, ao que Coimbra de Matos designou “a presença do sujeito no interior do seu objecto” (Coimbra de Matos, 2007, p. 46)²⁰ e está

¹⁶ Winnicott (1958a/2000) refere-se a dois tipos de invasões possíveis, caso o cuidado materno falhe: as invasões que provêm do meio exterior e as invasões que provêm da actividade instintual. Na realidade o bebé não as diferencia – não sabe se vêm de dentro se vêm de fora – nem mesmo tem qualquer noção de dentro ou fora.

¹⁷ Mais uma fase no amadurecimento pessoal descrita por Winnicott (1965b/1983, p. 46).

¹⁸ Insisto, nem externo, nem interno, nem diferente nem igual, pois nesta fase de “dependência absoluta” o bebé não adquiriu ainda esta capacidade – sofisticadíssima – de diferenciação.

¹⁹ Nos termos descritos anteriormente. Isto é, tendo a mãe como mediadora.

²⁰ Para Coimbra de Matos (2004) a predisposição emocional dos pais é a semente para o que denomina “a constância do sujeito no interior do seu objecto” e significa que muito antes de o sujeito estabilizar a presença do objecto no seu mundo interior – fonte de segurança – é o objecto que “guarda o sujeito no seu interior”. Tal acontece muito antes de este ter capacidade de o fazer. Diz ele, no seu livro “Vária. Existo porque fui amado”: “(...) o primeiro e essencial processo de constituição do ser humano é a organização da constância do sujeito no interior do seu objecto. O que exige a preexistência de um ‘ninho mental’ confortável, ou seja, condições adequadas à nidação. Por isso é tão importante a precessão e a primazia do investimento do sujeito pelo objecto – na criação do recém-nascido, na vida amorosa, na relação

na origem da futura relação que cada pessoa, mais tarde significativa, estabelecerá com o bebé... Como se de um útero mental se tratasse e como se cada pessoa organizasse dentro de si uma relação única e diferente com aquele bebé.

Pérez-Sanches (1983) fala da “Unidade Originária” – o pai, a mãe e o bebé, partindo de um princípio de que os três elementos se constituem uns aos outros nas suas funções e de que um não pode existir sem os outros dois. Coimbra de Matos (2004) fala-nos da “família biparental” que, à semelhança do mito de Jesus e da sagrada família, é composta pela mãe e pelo pai que – juntos – “adoram o menino”; expressão máxima do amor que os uniu (acrescento eu) e da sua capacidade criativa (individual e enquanto casal). Na sua opinião, este modelo de família caracteriza-se pelo investimento de ambos os pais no feto e por uma maior atenção do pai à vida do bebé. Mas o autor vai mais longe:

... estamos ainda muito habituados, mesmo na própria psicanálise, a considerar apenas a relação mãe-filho... ora, não é isso que se passa... a família humana é essencialmente biparental e o bebé humano é bifocal... desde o início que ele se foca em mais do que uma pessoa... pelo menos em duas e isto é absolutamente essencial para o nosso desenvolvimento. (Coimbra de Matos, 2007, p. 72)

Ele explica a biparentalidade, por oposição ao que denomina de “totalitarismo”, como a possibilidade de o bebé desenvolver uma natureza bifocal fundamental ao seu desenvolvimento, porque:

introduz dois tipos de relação... o indivíduo deixa de ficar à nascença numa situação totalitária. Se o indivíduo tiver uma relação unifocal fica numa situação totalitária... o facto de ter uma relação com a mãe e uma relação com o pai é como um país que tenha, pelo menos, dois partidos (...) a criança sabe que quando uma coisa não corre bem com a mãe poderá eventualmente correr bem com o pai. (Coimbra de Matos, 2007, p. 73)

Ainda na mesma obra, podemos ler:

... o bebé interessa-se pelo ambiente se o ambiente se interessar por ele... o fundamental é que o ambiente se interesse por ele... caso a mãe não se interesse pelo bebé podemos ter a certeza que o bebé vai ter grandes dificuldades no seu desenvolvimento (...). (Coimbra de Matos, 2007, p. 74)

psicoterapêutica; em linguagem psicanalítica, a precessão e primazia da contratransferência positiva, sintónica e pronta” (Coimbra de Matos, 2007, p. 74). Para este autor este processo, com origem na primazia do investimento do sujeito pelo(s) seu(s) objecto(s), é básico e essencial no processo de constituição do ser humano.

E ainda:

... o bebé, desde muito cedo – desde os primeiros dias – não se foca só na mãe... foca-se noutro olhar que esteja interessado nele e que normalmente é a figura do pai... pode ser outra figura mas há toda a vantagem em que seja uma figura do outro sexo (complementar ao da mãe) (...). (Coimbra de Matos, 2007, p.75)

No mesmo texto, o autor explica ainda o seu conceito de “triangulação original”, dizendo que:

... a triangulação não começa ao nível do complexo de Édipo, começa muitíssimo mais cedo e não é propriamente o Édipo precoce da Melanie Klein... é outra coisa... é o interesse espontâneo que a criança manifesta desde muito cedo pela relação entre as pessoas... em bebés de 3-4 meses, nalguns casos mais cedo ainda, verifica-se isto nitidamente... o bebé focaliza-se em duas pessoas que estão conversando entre si dirigindo o olhar ora para uma ora para outra pessoa, como um limpa-pára-brisas, a ver como é que aquelas pessoas estão a falar uma com a outra (...) é esta focalização que vai dando uma dimensão triangular desde muito cedo à relação humana. Portanto é fundamental ter esta ideia... há alguma vantagem que a relação com a mãe seja privilegiada mas é importante a outra relação... é mau ter um objecto único (...). (Coimbra de Matos, 2007, p. 75)

Voltando agora a focar-me nas minhas próprias reflexões, estou interessada em perceber melhor de que modo – de acordo com os princípios básicos da teoria do amadurecimento de Winnicott – este meio diverso inicial, subjectivo, pode fazer parte da vida do bebé.²¹ E em seguida, se esta hipótese se afigurar verosímil, até que ponto a participação desse meio inicial diverso pode ter um papel na futura saúde do indivíduo.²²

Tomemos então um texto de Winnicott onde mais claramente podemos ter acesso à sua forma de pensar relativamente a algum tipo de “registo mnésico”²³ em fases muito primitivas: “Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade” (Winnicott, 1958a/2000, p. 254). Nele Winnicott relata precisamente memórias precocíssimas (rememoradas em análise) relativas à experiência do nascimento e mesmo relativas à vida intra-uterina (algumas delas associadas a perturbações psicossomáticas). Winnicott aponta ainda para a existência de três categorias de experiência do nascimento, das quais vamos apenas considerar duas: a normal (saudável) e a que ele chama “traumática comum”. No seu discurso tudo parece indicar que a experiência do nascimento será tanto mais normal quanto mais integrada estiver na vivência do bebé e que, assim sendo não só não é

²¹ Convém não esquecer que “fazer parte da vida do bebé” significa, em linguagem winniciotiana, ser uma “experiência” na vida do bebé (para uma leitura mais detalhada deste assunto ver Dias (2012)).

²² Propositadamente não pusemos “saúde mental” para dar ênfase à ideia de que, para Winnicott o indivíduo só faz sentido enquanto unidade psicossomática.

²³ Ponho entre aspas para sugerir que não me refiro a memórias mentais, por assim dizer.

nociva, como será fortalecedora. Mas se pelo contrário, for mais intrusiva do que a possibilidade de integração do bebé, então será traumática. Tal parece ir ao encontro da tese que estamos tentando esboçar sobre a presença de outras figuras (além da mãe) na vida do bebé (nomeadamente o pai) na fase de “dependência absoluta”. Vejamos o que nos diz Winnicott:

É possível que as experiências do nascimento sejam tão suaves que dificilmente se tornam significativas. Este é o meu próprio ponto de vista actualmente. Ao contrário, as experiências do nascimento que fogem ao normal além e acima de um certo limite tornam-se traumas do nascimento, e são imensamente significativas. (...) quando a experiência do nascimento foi de fato traumática, ela estabelece um padrão. (Winnicott, 1958a/2000, p. 261)

Ou seja, na nossa leitura, as outras (as que não se constituem como um trauma) estão integradas no “funcionamento” da pessoa e passam a fazer parte do seu repertório de recursos.²⁴ Mas é o próprio Winnicott que acrescenta algo mais nesse sentido:

Seria útil considerar que existem três categorias de experiências do nascimento. A primeira é a experiência normal, ou seja, saudável, uma experiência positiva e valiosa, de significância relativa. Esta fornece o padrão de um modo de vida natural. Esse modo de vida normal pode vir a ser fortalecido por diversos tipos de experiências subsequentes, fazendo com que a experiência do nascimento seja um elemento numa série de factores favoráveis ao desenvolvimento da confiança, do senso de sequência, estabilidade, segurança etc.

Na segunda categoria temos a experiência traumática comum, que acaba por misturarse a diversos outros factores ambientais traumáticos, exacerbando-os e sendo exacerbada por eles.

(...) Minha tese aqui exposta é, portanto, uma tese composta, a saber, a de que as experiências do nascimento são boas, e podem promover o fortalecimento do ego e a estabilidade. (Winnicott, 1958a/2000, pp. 261-2)

No seu livro *Sobre a confiabilidade e outros estudos*, Elsa Oliveira Dias refere-se ao que denominou “inconsciente primário”, explicando que as experiências que ocorrem nas fases primitivas, sobretudo na fase de dependência absoluta, são de natureza pré-verbal, pré-representacional e pré-simbólica. “Essas experiências, quando pertencem à saúde, serão esquecidas – e não reprimidas – fazendo parte do que Winnicott chama de inconsciente geral ou primário – e que eu denominei de originário –, para diferenciá-lo do inconsciente reprimido” (Dias, 2011, p. 206).

E clarifica que o inconsciente geral, ou primário, ou originário, como prefere chamar-lhe, é o armazém das experiências iniciais que partem do impulso criativo e que são um reservatório de riqueza pessoal. Estas experiências são, “no fundo, a fonte pessoal, a referência secreta que jamais

²⁴ O que é bom não deixa história. Só o que é mau marca, diríamos.

permite que o indivíduo seja objectivado. Também Freud usa a expressão inconsciente originário, mas, com ela, ele está se referindo às bases biológicas do Id” (Dias, 2011, p. 206). ... Tudo depende da forma – natural ou não – como a experiência se apresenta ao bebé; e o mesmo se passa (supomos nós) com os objectos primitivos do mundo subjectivo do bebé...

A este respeito, Winnicott diz: “o mais importante é o trauma representado pela necessidade de reagir” (Winnicott, 1958a/2000, p. 265). E “reacção”, nesse estágio do desenvolvimento humano, significa uma perda temporária de identidade”. Mas nem todos os resíduos “mnésicos” desta altura remetem a situações traumáticas. Quando tudo corre bem, estas “memórias” parecem encontrar um “(re)arranjo subjectivo”²⁵ e parecem estar presentes de forma discreta, formando um substrato de confiança e de continuidade.

Estamos então a supor que, em alguma medida, o bebé tem desde sempre acesso a “contactos diferentes dos da mãe”²⁶ e que, se estes não formarem um padrão traumático²⁷ serão, em algum lugar da sua memória corporal, guardados. Podem mais tarde ser actualizados, revivenciados, integrados nas suas vivências actuais... ou, no caso de se terem constituídos como traumas, somatizados, transformados em perseguições, rememorados em situação analítica, etc.

Outro método de estudo desta questão é a observação directa de bebés; e também aqui tudo leva a crer que vão surgindo, desde cedo, reacções específicas do bebé, conforme a pessoa que com ele interage.²⁸

Dentro destes objectos significativos precoces há, de facto, um que merece especial destaque: o pai (ou substituto²⁹). Ele é o primeiro modelo relacional significativo diferente da mãe (do ponto de vista do observador).³⁰ Neste sentido, talvez possamos postular a presença de um meio inicial

²⁵ Que faz sentido para o indivíduo.

²⁶ No início, como já referi – na fase de “dependência absoluta” – não se trata de se aperceber do meio como “diferente”, mas sim de ir “registando impressões”, que não sabe se são iguais ou diferentes da mãe. São apenas impressões provenientes do seu meio subjectivo que, progressivamente, após adquirir a “estabilização do igual” e os processos de clivagem saudáveis - necessários aos fenómenos de integração e diferenciação e individuação - se vão inscrevendo em registos próprios e diferentes da mãe.

²⁷ Nos moldes atrás descritos, provocando graves descontinuidades, no sentido de “ser”, no bebé.

²⁸ Por exemplo, como atrás referimos, parar de chorar quando muda de colo. Gostaríamos de aproveitar para deixar claro que, aqui como em qualquer outra parte deste texto, quando nos referimos a “reacções” neste contexto não estamos a pressupor uma “reacção” no sentido de uma resposta a uma invasão do meio. Estamos antes a referirmo-nos ao encontro proveniente da interacção com o meio a partir do “gesto espontâneo” do bebé, como atrás explicámos. Isto é, não deixamos nunca de ter em conta que estes encontros são muito mais do que meras respostas a estímulos, como numa primeira leitura pudesse parecer em algumas partes do texto. Tal aconteceu, quando nos referimos ao método científico utilizado por Damásio ou a registos de observações directas de bebés ou fetos. Nestes contextos estamos sempre a considerar o “contacto” como Winnicott o considerou: um acto simultaneamente somático e psíquico; um encontro criativo que não tem nada a ver com respostas a estímulos.

²⁹ Se o pai não está capaz ou não está disponível, este lugar pode ser ocupado por um tio, um avô, um padrasto, etc.

³⁰ Para Winnicott (1971a/1975, p. 191), o termo “parental” vem necessariamente depois do termo “maternal”. Aqui, o que postulo é que, em condições favoráveis, este termo “parental” tem raízes no desenvolvimento mais primitivo do bebé,

masculino precoce, até mesmo intra-uterino, tanto mais saudável quanto mais cedo estiver presente na vida subjectiva do bebé. Trata-se de uma espécie de holding e handling diferentes dos da mãe; ainda que inseridos nos da mãe. Uma espécie de “holding”³¹ e “handling” paternos (ou masculinos, se assim se podermos dizer), porventura mais enraizados na componente motora do que na componente instintiva da constituição do ser.³²

Ao postular existência de um “holding paterno” estou a considerar tudo o que se refere ao toque, cuidado e sustentação do bebé por parte do pai. Mas não estou a supor que será benéfica a existência de duas técnicas centrais a dispensar ao bebé na fase da “dependência absoluta”. Como já referi, e volto a afirmar, nesta fase tão inicial o bebé precisa de monotonia e de alguém que simplifique a sua existência (de modo a que, progressivamente, esta possa ir sendo complexificada³³). Proponho, portanto, que a participação do pai e restantes familiares seja, nesta primeira fase, mediada pela mãe. Se esta participação for saudável a mãe saberá em que medida ela é bem-vinda. Refiro-me tanto ao “pegar ao colo” quanto à participação nos cuidados prestados ao bebé. Estes não devem ferir a harmonia entre o bebé e a mãe.

Tomemos então o pai como exemplo: *deste “holding paterno”, deste “ambiente masculino”, sairá a semente da posterior relação com o pai.* A enorme vantagem para o bebé (e também para o pai) é que este passa a existir com mais consistência (a partir da experiência relacional vivida) no interior do pai (Coimbra de Matos, 2007). Ou seja, estão facilitados logo à partida os processos de proximidade espontâneos do pai para a criança, o que trará benefícios imediatos e a longo prazo. Este

incluindo aí a vida intra-uterina e a fase de “dependência absoluta”. O que não quer dizer que a primeira relação de “apoio” à constituição do ser não seja a relação com a mãe ou seu substituto. Estou, no entanto a supor que o pai deixa a sua “semente de diferença” na vida subjectiva do bebé, através, por exemplo, do toque (diferente do da mãe, quer na vida intra-uterina, quer na fase de “dependência absoluta”), do tom de voz, cheiro, etc. Refiro-me, portanto a impressões corporais e sensoriais).

³¹ Estes conceitos (holding e handling) são amplamente elaborados e utilizados por Winnicott em toda a sua obra. Por exemplo, em *A família e o desenvolvimento individual* (Winnicott, 1965a/2005) ou em *O ambiente e os processos de maturação* (Winnicott, 1965b/1983). Referem-se aos cuidados primários dispensados pela mãe (ou substituto) ao bebé. Holding será, portanto, na perspectiva winniciotiana, tudo o que se refere ao “segurar” ou “suster”, incluindo nessa função os cuidados corporais dispensados ao bebé (o “manejo” ou o “handling”).

³² Esta ideia não está ainda suficientemente estudada e será talvez matéria para investigação posterior. Estamos no entanto a supor que o pai se interesse mais pela “motilidade” do bebé (Winnicott, 1958a/2000) do que pelos cuidados instintuais, que nesta primeira fase andam muito em torno da alimentação. O que não quer dizer que não participe também destes cuidados, disponibilizando uma “qualidade” de “elemento feminino puro” (Winnicott, 1971a/1975) diferente da mãe.

³³ Num outro registo e utilizando o método científico de observação dos fenómenos, Damásio (2000), fala-nos do conceito de “continuidade de referência”, que parece pôr em relevo o papel do principal cuidador da criança na formação do Self. Esta ideia parece confirmar a importância primordial da mãe (ou seu substituto) na vida do bebé, tal como foi postulada por Winnicott. O que não significa que outros familiares, e nomeadamente o pai, não possam ter participação no processo de aquisição da Identidade Primária do bebé ou que não possam contribuir com registos mnésicos diferentes.

pai, ao contrário do pai ausente da vida do bebé ou com uma proximidade disruptiva,³⁴ deixa de ser um mero observador (ou um “agente traumático”³⁵). Ele assume um papel na relação directa com o bebé, para além da função de “sustentar” a mãe. Tal representará também um evento preventivo contra o estabelecimento de rivalidades/erotizações inconscientes do pai pelo(a) filho(a) e, consequentemente, de futuras evoluções edípianas deficientes. No caso do menino, nomeadamente, poderá ter um efeito preventivo em relação à possibilidade da estruturação de uma relação emocionalmente perturbada, em que o pai se assume mais como rival do que como colaborador no crescimento do filho. No caso da menina, estará minimizado o risco (tal como no rapaz, de resto) de uma relação pobre do ponto de vista da proximidade emocional, que poderia originar fenómenos perturbados de erotização (mais consciente ou mais inconsciente) do pai pela filha.

Resumindo, este contacto primário, ainda que eventual e integrado no cuidado materno e na vida subjectiva do bebé, deixará alguma semente que germinará e passará (como passam todos os fenómenos subjectivos) a fazer parte da posterior vida relacional bebé. Ou seja, o contacto posterior com o pai ou com os restantes elementos da família irá sempre actualizar este “toque primário inicial” (outrora difuso mas já então presente). Julgo ainda que esta diversidade inicial, presente mas não intrusiva, poderá ser preventiva em caso de mudança forçada de cuidador, no sentido em que será facilitadora do estabelecimento de novas relações.³⁶ O mesmo se pode dizer, naturalmente, para o estabelecimento de uma futura relação terapêutica (se tal for necessário no futuro). A este propósito, Winnicott (1971a/1975) chama a atenção para a importância, na vida da criança mais crescida, de outras figuras de identificação, para além dos pais e da família mais próxima, com quem possa estabelecer um relacionamento “fraterno e parental” (Winnicott, 1971a/1975, p. 161). Penso que este “alargamento” relacional, sempre bem-vindo em condições de desenvolvimento saudável, será facilitado, portanto, por este contacto inicial com a diversidade.

³⁴ Com proximidade disruptiva queremos dizer uma pseudo-proximidade, mais centrada no pai do que nas necessidades do bebé: narcísica, portanto. Será um tipo de presença que invade o bebé e poderá ter efeito traumático provocando demasiadas descontinuidades no senso de “ser”, pelo que nada de bom poderá trazer ao bebé ou à mãe.

³⁵ Intrusivo, disruptivo, que provoca “descontinuidades do ser” (Winnicott, 1958a/2000).

³⁶ Não posso deixar de recordar uma mãe que, consciente da sua perturbação e num acto de coragem me disse que, num gesto de amor pelo filho, sentiu que desde cedo lhe deveria facilitar o contacto com outras pessoas, mais saudáveis, menos ansiosas do que ela. Isto permitiu ao filho criar outros laços significativos. A mãe fez isto na expectativa de lhe proporcionar modelos de relação mais saudáveis dos que intuía poder dar-lhe. Mais tarde, refere-se a este sentimento e a esse seu gesto como um acto de bondade e de dádiva generosa para com o filho, por oposição ao egoísmo que poderia fechar a criança na relação com ela. Estava convencida de que essa sua atitude tinha sido preventiva de uma evolução mais problemática da criança.

Num outro domínio de pesquisa – complementar ao método psicanalítico para a observação dos fenómenos – estudos recentes no domínio das neurociências³⁷ apontam para a existência de registos mnésicos³⁸ que correspondem a grupos de experiências³⁹ que vão tomando uma forma cada vez mais diferenciada. Registos primitivos, inicialmente bastante difusos, mas que parecem constituir-se como matriz de diversidade que, mais tarde – quando a aquisição da identidade separada for já uma realidade e permitir já o contacto com o outro objectivo –, serão reorganizados e reagrupados em função de cada figura familiar.

A título de curiosidade, recordo um paciente que, durante a análise, foi capaz de se recordar de uma ama que terá tratado dele até aos três meses. Esta evocação mnésica surgiu sob a forma de um sentimento “corporal” próximo das “feeling memories” descritas por M. Klein (1957). Posta esta hipótese entre nós (da presença de uma figura deste género na vida precoce do paciente), foi então possível – perguntando a familiares – confirmar a presença dessa ama. E confirma-se, não só a presença da ama, como também a forte relação entre os dois⁴⁰ ao contrário da relação difusa que o paciente sabe ter tido com a mãe. A separação entre os dois terá sido dolorosíssima, pois a mãe terá retirado bruscamente o bebé desta ama, em determinada altura, sem se perceber muito bem porquê... O que sabemos e podemos confirmar é que bom sucesso desta análise deveu-se à retoma desta relação suspensa, agora na transferência e na Nova Relação, no sentido que lhe é dado por Coimbra de Matos (2011). Outro exemplo (retirado da minha prática clínica) destas memórias “precocíssimas” pode ser encontrado no artigo “O estrangeiro ou o seu negativo: uma reflexão inspirada em Pontalis” (Belo Gomes, 2012, p. 6). O próprio Winnicott, como atrás referímos, refere-se a estas memórias precoces no supracitado artigo “Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade” (Winnicott, 1958a/2000, p. 254).

Damásio (1994) fala-nos precisamente desta “reorganização temporal” dos conteúdos armazenados. De tal forma que podemos imaginar que se o bebé pudesse explicar verbalmente o que sente quando “descobre” o pai e outros familiares como pessoas, provavelmente diria qualquer coisa

³⁷ Situamo-nos agora ao nível das pesquisas obtidas por via do método experimental, e não ao nível do método utilizado por Winnicott para a observação dos fenómenos: o método clínico de observação, nomeadamente de pacientes psicóticos em regressão profunda.

³⁸ Por exemplo: Wilheim (1992); Eisenberg (1964); etc.

³⁹ Refiro-me à importância da memória celular, que regista todas as experiências do feto, pelo menos a partir da vigésima terceira semana de gestação. Em *O erro de Descartes* (Damásio, 1994) António Damásio explica que o conhecimento é incorporado em “representações disposicionais”, ainda que possa não estar acessível à consciência (pp. 120-121). As reservas mnésicas são guardadas numa espécie de “armazém da mente”, susceptíveis de serem evocadas sob determinadas condições.

⁴⁰ Tal como podemos conceber uma relação de apego com um bebé tão pequeno, em termos winnicottianos. Ou seja, consta que o bebé, habitualmente irrequieto com a mãe, se transformava num bebé calmo e há quem testemunhe a enorme facilidade desta ama em se adaptar ao bebé (fazendo-o com grande dedicação).

como: “Ah! Então aquela coisa diferente da mãe (ou do pai, etc.) e que eu na altura não sabia o que era (nem tinha sequer maturidade para saber que era diferente), afinal era mesmo diferente e agora vejo que és tu!”. Isto, obviamente, será tanto mais verdade quanto mais a pessoa em causa se tiver relacionado com o bebé; e quanto mais esse relacionamento tenha sido significativo. Este processo, longe de estar concluído na fase do amadurecimento em que o bebé adquiriu identidade própria (fase do “Eu Sou” e, posteriormente, fase do “concern”⁴¹), terá continuidade pela vida fora. Tal como acontece com a consciência da identidade separada e diferenciada, também a leitura objectiva da família e dos seus elementos em particular é um processo nunca fechado e sempre em rearranjo. Diria até que a saúde mental se joga precisamente neste interjogo dinâmico entre a leitura subjectiva e a leitura objectiva do mundo. Ao longo do amadurecimento, portanto, a família subjectiva vai cedendo cada vez mais lugar à família objectiva.⁴² Do mesmo modo a percepção de si próprio estará cada vez mais próxima da realidade compartilhada, sem que se perca a subjectividade própria de um ser “irremediavelmente” só.⁴³

Para além disto, o ambiente familiar, como um todo, funciona ele próprio como ambiente subjectivo⁴⁴ onde o bebé está imerso – como se de um aroma difuso se tratasse –, presente mais tarde sob forma de “feeling memories” (Klein, 1957) e evocado em contextos particulares.

Assim, para além do “objecto primário” propriamente dito,⁴⁵ existem outros objectos – a que chamaremos “objectos secundários” – que dão o seu contributo desde a fase da “dependência absoluta”, sem que tal “fira” a técnica primária de lidar com o bebé, podendo mesmo enriquecer-la. Sintetizando, estes “objectos secundários”, seja por sensibilidade própria, seja por impedimento da mãe aproximar-se-iam do bebé apenas na justa medida da sua capacidade de os ir integrando na sua

⁴¹ Os termos “Eu Sou” e “Concern” referem-se às etapas do amadurecimento propostas por Winnicott (1988/1990), que se sucedem à etapa da “dependência absoluta (dos zero aos quatro meses, sensivelmente), à etapa da transicionalidade (a partir dos quatro meses), e à etapa do ao “uso do objecto” a partir dos onze/doze meses (Winnicott, 1971a/1975). Seguem-se, então as fases do “Eu Sou” (entre um ano e um ano e meio de idade, em que o bebé já diferencia claramente o “dentro” e o “fora”, o “eu” e o “não eu”) e a fase do “Concern” (com auge por volta dos dois anos e meio), em que o bebé passa a mostrar/sentir “preocupação” com o outro (Winnicott, 1988/1990). Para uma leitura mais detalhada deste importante tema, pedra de base da teoria winniciotiana, remeto o leitor para o livro A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott (Dias, 2012).

⁴² Winnicott refere-se a esta ideia na sua obra *Tudo começa em casa* (Winnicott, 1986b/2005, p. 128).

⁴³ Refiro-me à “solidão essencial” de que falava Winnicott, nomeadamente, em *Natureza humana* (Winnicott, 1988/1990).

⁴⁴ Não é demais lembrar que a expressão “ambiente subjectivo” refere-se, neste texto, ao ambiente tal como ele é experienciado pelo bebé na fase de “dependência absoluta”, na qual o bebé e o ambiente exterior são um só. Para Winnicott (1958a/2000), ambiente significa mãe, pelo que nesta fase o bebé e a mãe formam um conjunto “dois em um”. Para que o mundo subjectivo se mantenha enquanto for necessário (até o bebé o “descobrir” ou “criar” [Winnicott, 1971a/1975]) é preciso que o ambiente seja confiável.

⁴⁵ A mãe (ou seu substituto), representante da “realidade objectiva”, responsável por esta realidade “chegar” ao bebé em boas condições.

“área de experiência omnipotente”,⁴⁶ em função do seu “gesto espontâneo” (Winnicott, 1988/1990),⁴⁷ Isto quer dizer que, se for respeitada a continuidade de ser do bebé – respeitados os seus estados tranquilos e excitados – e se for dado como adquirido que numa fase inicial é a mãe quem melhor sabe dele, então, do meu ponto de vista, o bebé só poderá ter a beneficiar com a diversidade.

O paradigma⁴⁸ do que acabo de tentar explicar é o paradigma do aleitamento materno: todos sabemos do papel exclusivo da mãe nesse precioso momento da vida do bebé.⁴⁹ Pela intimidade, pelo estreitamento dos laços entre os dois, pela troca de pequenas cumplicidades, etc. No entanto também sabemos hoje que uma das grandes vantagens do leite materno é a enorme diversidade de sabores que transporta, abrindo portas a que, mais tarde, o bebé não só não rejeite como tenha curiosidade de experimentar novos sabores.⁵⁰ Esta atitude deve então ser reforçada pela introdução directa de novos sabores, tão cedo quanto possível: o bebé percebe, desde muito cedo, que comemos coisas diferentes das suas. Inteligente e curioso, adora provar o que, em pequenissimas doses, não só não lhe fará mal como certamente lhe poderá fazer bem – à semelhança das vacinas: concentrados mínimos de agentes patogénicos que (na dose certa) reforçam a imunidade do organismo. Ou seja, se é verdade que nas fases iniciais o bebé precisa de um meio previsível para poder encontrar experiências de integração (para poder realizar as três tarefas iniciais⁵¹), também é verdade que pequenas “variações de sabores” contribuirão seguramente para uma maior riqueza do mundo infantil, prevenindo o fechamento em formas rígidas de experienciar a realidade (subjectiva e objectiva, interna e externa).⁵²

⁴⁶ Área subjectiva (no sentido descrito anteriormente) em que o bebé se sente “criador do mundo que o rodeia” (ver Winnicott, 1971a/1975).

⁴⁷ Conceito já anteriormente descrito, utilizado por Winnicott ao longo de toda a sua obra. Ver, por exemplo, *O brincar e a realidade* (Winnicott, 1971a/1975).

⁴⁸ A palavra “paradigma” (do grego *parádeigma*), neste contexto, conserva a sua tradução literal e significa “modelo” ou “padrão”.

⁴⁹ E assim deve continuar a ser, mesmo que a amamentação (por uma razão ou por outra) não seja possível.

⁵⁰ Isto significa que o leite materno ao mesmo tempo que une, também diferencia. Haverá metáfora mais perfeita para a saúde mental?

⁵¹ Refiro-me às três tarefas iniciais, descritas por Winnicott, que o bebé tem de realizar na fase da dependência absoluta. Nomeadamente, a integração (no espaço e no tempo; tarefa em conexão directa com o “holding”); a personalização (alojamento progressivo da psique no corpo; tarefa em conexão directa com o handling) e realização (inicio das relações objectais – que conduzirá, mais tarde, ao reconhecimento da existência independente de objectos e do próprio mundo externo; tarefa ligada à apresentação e ao contacto com os objectos. Ver *O ambiente e os processos de maturação* (Winnicott, 1965b/1983).

⁵² Outro exemplo do que acabo de expor é a aprendizagem de línguas. Todos sabemos que, para que uma criança aprenda bem línguas, tem que começar por aprender bem primeiro a língua materna e só depois – a partir dos dois, três anos terá benefício em aprender a segunda. Mas isso não significa que não beneficie – no seu meio ambiente primário – de ouvir, desde cedo, o som de outras línguas. Pelo contrário, penso que essa introdução suave de diversidade trará benefícios à posterior aprendizagem.

Dito de outra forma, se nos desculparem a insistência, se o vínculo materno é central e de boa qualidade, ele abre desde sempre e naturalmente o bebé a novos contactos e a novas relações, em doses toleráveis para o bebé.⁵³ ainda grávida, a mãe convoca o pai a sentir o bebé⁵⁴ e introduz o pai na vida do bebé.⁵⁵ A introdução destes contactos que, para facilitar podemos traduzir verbalmente – como fizemos nas notas de rodapé 51 e 52 –, nestas fases mais precoces não passam por um registo mental. Passam, sim, por um registo afectivo que implica um nível de comunicação primitivo (tal como Winnicott⁵⁶ o concebeu). Ou seja, implica sempre um registo corporal. Trata-se de disposições emocionais e afectivas da mãe que têm uma correspondência fisiológica e corporal no bebé e esta, sim, ficará registada nas suas memórias mais primitivas (no seu inconsciente originário [Dias, 2012]). E assim continuará depois de nascer, pois a mãe saudável não desenvolve um “amor captativo” pelo bebé; mas antes (isso sim), um “amor oblativo” e generoso (Coimbra de Matos, 2011, p. 221), que intui as necessidades do bebé muito antes de ele as poder explicitar objectivamente. Introduzindo este “gosto pelo diferente”, sem saber, a mãe está não só a alargar o espaço de confiabilidade do bebé (por oposição a uma postura desconfiada), como também a facilitar a sua própria tarefa de, numa fase posterior, o desiludir. Do lado do bebé, o contacto directo com outros objectos que não a mãe também sedimentam o terreno para a autonomia e facilitam o acesso às posteriores idas e voltas envolvidas nos jogos de lealdades e deslealdades próprios do período edipiano.

Ao contrário do que, numa primeira leitura, possa parecer, penso que não afirmámos nada de radicalmente diferente em relação ao que podemos encontrar em Winnicott. Apenas quisemos enfatizar e dar relevo a algo que poderia já estar implícito no seu discurso. Winnicott estava muitíssimo preocupado com a relação mais primitiva do bebé com a mãe, pois aí encontrou (e bem) a raiz dos distúrbios mais primitivos; talvez por isso tudo o resto tenha ficado mais em segundo plano, o que não quer dizer que não existisse de todo no seu pensamento. Também não pretendo sugerir, nem implícita nem explicitamente, que a “mãe suficientemente boa”, descrita por Winnicott (1965b/1983), seja uma mãe totalitária ou asfixiante (o que corresponderia a uma das fontes de traumatismo definidas pelo autor (Winnicott, 1965b/1983). Atrevo-me apenas a pensar que a “mãe

⁵³ Como já referimos, a participação destas figuras (secundárias) na vida do bebé deve respeitar (tal como a mãe o deve fazer) os estados tranquilos e os estados excitados do bebé, e devem ser sempre resposta ao seu gesto espontâneo. No seu próprio tempo e no seu próprio ritmo partirá do bebé o interesse pela diversidade que, obviamente, não lhe deve ser imposta.

⁵⁴ Por exemplo: “Olha! É comilão como tu, adora brincar e dar pontapés depois de comer!”. Ou, com outros elementos da família: “Olha a mana, anda ver, ela está-te a dizer os bons dias!”.

⁵⁵ Por exemplo: “Espera! Eu sei que estás com fome! Não paras de me dar pontapés, mas temos que esperar pelo papá; só ele nos poderá levar a um sítio para jantarmos!”. E o mesmo com outros elementos da família: “Quando vieres cá para fora vais ver como te vais divertir a brincar com o mano! Isso é que vai ser bonito, depois os dois a desarrumarem tudo!”.

⁵⁶ Podemos encontrar essa referência, por exemplo em Da pediatria à psicanálise (Winnicott, 1958a/2000).

suficientemente boa” de Winnicott comporta esta qualidade na sua função facilitadora do processo de amadurecimento do seu bebé: a saber, a de facilitar o acesso à diversidade desde o início, por oposição, precisamente, à mãe asfixiante e possessiva que “fecha” o bebé na relação fusional, dificultando-lhe desde sempre o contacto com o “diferente”. Estou, portanto, a supor que a “mãe suficientemente boa” tenha pelo bebé este amor generoso e oblativo de que nos fala Coimbra de Matos (2011) e não o amor egoísta e captativo que fecha e aprisiona. Simultaneamente, estou ainda a supor que o acesso precoce à relação com o pai pode ajudar a prevenir as falhas da mãe: é bom lembrar que a “mãe suficientemente boa” não é perfeita.

Dito isto podemos então centrar o nosso olhar sobre o contributo específico do que nós designámos por “objectos secundários” nesta fase da “dependência absoluta”. Antes de desempenhar a função de limite, facilitadora da aquisição do “concern”, a presença do pai (e eventualmente de outros membros da família) deve integrar-se na harmonia necessária à emergência do bebé enquanto pessoa. Isto é, o pai deve perceber o que se passa entre o bebé e a mãe, facilitar, proteger e eventualmente ajudar a corrigir essa harmonia. Na base dessa compreensão, deve oferecer ao bebé um outro estilo de relação. O seu próprio “holding” e mesmo o seu próprio “handling”, ainda que a “técnica materna” possa ser predominante.⁵⁷ E como amar é respeitar – quer o bebé, quer a mãe, quer a relação entre os dois, estão criadas as bases onde se funda o respeito e o amor que (mais tarde) se poderá esperar que o bebé tenha pelo pai. Ora, se tal tender para este tipo de dinâmica familiar,⁵⁸ ao contrário do que é postulado pela teoria clássica freudiana, não são lutas o que se espera no período edipiano, mas sim tolerância (do pai para com o filho rapaz, da mãe para com a filha rapariga) e respeito pelas batalhas envolvidas nesta fase (dos pais pelos filhos que, neste altura, estão em posição de desvantagem⁵⁹), valores enraizados nas etapas anteriores e que agora se sedimentam.

Este contacto inicial com o diferente terá, como se pode prever, consequências diferentes conforme o sexo do bebé. No caso do “bebé menino” esta proximidade directa vai trazer benefícios ao nível da constituição da identidade masculina (elemento feminino puro,⁶⁰ proveniente também do pai e não só da mãe), bem como facilitar a confiança que a criança terá para enfrentar a fase edipiana.

⁵⁷ Do meu ponto de vista, o pai deve relacionar-se com o bebé do seu próprio modo. Não precisa de “calçar luvas”. Pelo contrário, tal como a mãe, deve ser espontâneo (espontaneidade tantas vezes “recomendada” por Winnicott), embora respeitando (como atrás dizímos) as necessidades do bebé e não interrompendo a continuidade de ser do bebé.

⁵⁸ Não é demais lembrar que não pretendo com isto advogar a existência de famílias perfeitas; como, de resto, não se pretende advogar perfeição em nenhum momento da teoria winnicottiana.

⁵⁹ Pela imaturidade e pela dependência que ainda mantêm dos pais. Trata-se de uma regra básica do respeito pelo outro: o outro deve ser tratado com tanto mais cuidado quanto mais vulnerável e dependente for (ou estiver).

⁶⁰ O elemento feminino puro refere-se, na teoria de Winnicott, à componente de “ser” em termos de constituição da identidade; assim como elemento masculino puro se refere à componente “fazer”. Para uma compreensão mais detalhada ver o quinto capítulo de *O brincar e a realidade* (Winnicott, 1971a/1975).

No caso da menina, esta proximidade será facilitadora do acesso posterior à figura paterna e à relação com o masculino,⁶¹ bem como do acesso ao elemento masculino puro. Num caso como no outro, está minimizado o risco de “apropriação” e apego compulsivo (paranóide) da mãe pela criança e vice-versa.⁶² Estas, são condições preventivas da fixação da criança num só modelo relacional, que rigidificaria posteriores formas relacionais e, consequentemente, funcionamentos internos.

Neste ponto teremos que introduzir uma pequena pausa para explicar em que medida pensámos a participação do pai em termos de “elemento feminino puro” e “elemento masculino puro”. Vejamos então: Winnicott utiliza estes conceitos para exprimir duas modalidades de relacionamento com “objectos”,⁶³ sendo que o “elemento feminino puro” diz respeito ao acto de amamentar (quer seja, ou não, ao peito) e relaciona-se com a identidade primária (“ser”). Nesta relação⁶⁴ primária, o bebé torna-se o seio (ou a mãe) e sente-se em união com ele mesmo quando o passa a perceber objectivamente. Winnicott (1971a/1975) deixa claro que a relação de objecto em termos de “elemento feminino puro” nada tem a ver com impulso ou com instinto. Diz ele:

Comparemos e contrastemos os elementos masculino e feminino não mesclados no contexto da relação de objecto. Desejo dizer que o elemento que estou chamando de “masculino” transita em termos de um relacionamento activo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa ideia que falamos de impulso instintivo na relação do bebé com o seio e com o amamentar, e, subsequentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos subsidiários. Em contraste, o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe) de o bebé tornar-se o seio (ou a mãe), de que o objecto é o sujeito. Não consigo ver impulso instintivo nisso. (Winnicott, 1971a/1975, p. 113)

Ou seja, se o “elemento feminino puro” se refere à identidade primária, ao bebé que se funde com a mãe ou com o pai (na leitura que agora propomos – se é ele que está a desempenhar aquela função⁶⁵), já o “elemento masculino puro” refere-se aos “afazeres” que pressupõem investimentos pulsionais. Isto é, enquanto o elemento feminino puro acontece numa fase anterior à separação, “o

⁶¹ O que tem especial importância no caso da menina, dado que o primeiro objecto de relação é, normalmente, homossexual (e não heterossexual, como habitualmente acontece no caso do menino).

⁶² Tal acontece, não só porque a criança está mais familiarizada com o adulto, mas também porque o adulto criou laços de apego mais fortes com a criança (não a deixou totalmente entregue à mãe; responsabilizou-se emocionalmente por ela desde tempos muito primitivos).

⁶³ Colocámos aspas em “objectos” para não deixar de lembrar que, para o bebé, na fase de “dependência absoluta”, “objecto” é uma designação sem sentido. Nesta fase, falamos de “objecto” do ponto de vista do observador, não do bebé.

⁶⁴ Utilizamos aqui o termo “relação”, mas referimo-nos a uma fase em que não há ainda diferenciação “Eu/não eu”, “Eu/outro”. Trata-se, portanto, de uma comodidade de linguagem para me referir a uma fase em que o bebé forma um todo (dois em um) com o meio (mãe ou substituto).

⁶⁵ Utilizamos aqui a palavra “função” para designar uma modalidade de relação com o bebé e não de forma reducionista (no sentido da instrumentalização ou mecanização da relação).

“elemento masculino puro” implica obrigatoriamente separação eu/não-eu, assim como a objectivação do objecto (a sua exclusão da área de omnipotência⁶⁶). Assim sendo, fica claro que o “fazer” é posterior ao “ser”: só depois de constituído como “ser” será possível, ao bebé, “fazer”. Naturalmente que “fazer”, na nossa leitura, implica relacionar-se com os outros diferenciados de si. Tal pressupõe, por sua vez, separação, diferenciação e acesso ao “uso do objecto” (Winnicott, 1971a/1975).

Este contacto inicial com o masculino (em termos de “elemento feminino puro”) seria portanto, em nosso entender, facilitador do acesso ao “elemento masculino puro”, proveniente do pai, e à relação com o masculino (pois o “elemento feminino puro” proveniente do pai deixaria uma matriz facilitadora deste “(re)encontro relacional” posterior). Por hipótese, poderíamos pensar que meninos com acesso facilitado ao pai (ou à figura paterna) tenderiam a ser mais seguros nas suas competências masculinas, enquanto as meninas teriam tendência a desenvolver personalidades mais práticas (mais “despachadas” ou mais “desenrascadas”) do que outras cujo acesso ao paterno tivesse sido mais dificultado.⁶⁷ As meninas ganhariam em autonomia e na relação com o masculino, os rapazes, em autonomia e nos processos de aquisição e estabilização da identidade masculina.

Mas se é verdade que este contacto inicial com o pai (nos casos que nos parecem mais favoráveis) começa por ser harmónico, também é verdade que, mais tarde – como observa Claudia Dias Rosa (2009) – “quando o colo da mãe se torna enfadonho” e o gosto pela aventura parece impulsionar a criança para o pai⁶⁸ – nessa altura, então, algumas descontinuidades serão bem-vindas⁶⁹. Serão então bem-vindos os fins-de-semana com os tios, avós e primos, a entrada para a escola primária, as festas do pijama, a entrada para os escoteiros... É também altura dos pais reforçarem as suas cumplicidades conjugais, aproveitarem para namorar um pouco mais (agora que a exigente tarefa de sustentarem os filhos nas fases mais precoces do desenvolvimento os deixou mais livres um para o outro); o que terá o efeito benéfico de libertar a criança de novas vagas de culpabilidade, agora oriundas dos já referidos jogos de lealdades e deslealdades próprios das vivências edipianas. Mas porque é que, ao dissertar sobre estas questões, tão inconsistentemente me ocorreu Nathanael e o terrível “Homem da Areia”? Como julgo que todos sabem, este conto – uma narrativa fantástica, entre o estranho e o maravilhoso⁷⁰ – inicia-se com as recordações de infância do

⁶⁶ Por “omnipotência”, queremos referir-nos à ilusão, necessária e fundamental, do bebé ter “criado” o objecto, na fase de “dependência absoluta” (Winnicott, 1958a/2000).

⁶⁷ Será também um tema que merece investigação futura.

⁶⁸ Por “pai”, entendemos agora o homem que engloba os conteúdos dispersos que pertenceram ao “pai primitivo”.

⁶⁹ Desde que em consonância com a criança e não apenas ditadas pelas necessidades narcísicas do adulto.

⁷⁰ Fantástico, por definição, dura apenas o tempo escasso da incerteza; após o qual a explicação resolve o impasse – quer predomine o estranho (a realidade objectiva permanece intacta, sendo que o que se passou foi alheio a essa realidade) ou

protagonista (o jovem Nathanael) que não consegue livrar-se das circunstâncias trágicas ligadas à morte de seu pai. No meio destas lembranças surge a figura do “Homem da Areia” – personagem de uma história que lhe era contada na infância e que era usada como ameaça para as crianças que não queriam ir para a cama à hora de se deitarem.

Impressionado, Nathanael, então criança, tenta saber mais sobre este personagem. Pergunta à mãe; mas esta responde-lhe que o “Homem da Areia” não existe – o que o deixa desconfiado e, aparentemente, com a convicção de que a mãe o estaria a enganar, apenas para o acalmar. Pergunta então à criada e esta explica-lhe que o “Homem da Areia” existe sim e que é um homem mau que se aproxima das crianças que não querem ir para a cama, atirando-lhes punhados de areia para os olhos. Estes (os olhos) saltariam, então, cheios de sangue das cabeças das vítimas, e seriam colocados num saco para serem levados ao crescente da Lua para alimentar as suas próprias crianças – pequenas criaturas que, tal como as corujas, tinham “(...) bicos aduncos com os quais” comiam os olhos das crianças travessas (Hoffmann, 2005, p. 11).

Anos depois, um simples acontecimento evoca e articula estas recordações de infância: Nathanael vê na figura de um vendedor de óculos, chamado Coppola, a figura de um antigo advogado – Coppelius – que, de acordo com as suas recordações, teria tido participação directa na morte de seu pai.

Na infância, atormentado com as histórias do “Homem da Areia”, Nathanael terá associado o terror do barulho da explosão que matou o pai à atroz história do “Homem da Areia”. Coppelius, o advogado, passa então a ser, na sua imaginação infantil, o próprio “Homem da Areia” – responsável pela morte do pai.

... Mas o que me ficou a ecoar no espírito – e talvez por isso a evocação desta história – foi a descrição familiar de Natanael naquela época da infância que, embora em tom harmonioso,⁷¹ deixa antever uma determinada estrutura e dinâmica familiares – a meu ver, marcadas pela tristeza da mãe e pela ausência (talvez, melhor dizendo, por uma certa imaturidade) do pai... Quanto ao tom harmonioso, fiquei a pensar que talvez se devesse ao facto de Nathanael não ter tido acesso a uma leitura suficientemente objectiva da família (como, de resto, se passou relativamente ao mundo em geral); o que talvez até também explique (em parte), como adiante se verá, a sua loucura.

Quando ainda crianças, a minha irmã e eu, era raro, excepto à hora do jantar, vermos o nosso pai durante o dia; devia andar muitíssimo ocupado com os negócios. Mas após a refeição da noite, que era servida logo às sete horas segundo os velhos usos, íamos, assim como a minha mãe, para o seu gabinete de trabalho e todos ocupávamos um lugar à volta de uma mesa redonda. (...) Nessas noites a nossa mãe mostrava-se muito triste e, mal o relógio

o maravilhoso (que, pelo contrário, implica que a realidade objectiva se alterou, e que implica admitir novas leis da Natureza).

⁷¹ Ou pseudo-harmonioso, como acontece tantas vezes nas famílias psicóticas.

dava as nove horas: “Vamos, meninos”, dizia ela, “para a caminha, para a caminha! Chegou o homem da areia, estou a ouvir os seus passos aproximarem-se”. Efectivamente, eu ouvia sempre na escada um barulho de passos que pareciam subir penosamente e com lentidão: devia ser o homem da areia. (Hoffmann, 2005, pp. 10-11).

O conto é cheio de subtilezas e, infelizmente, não poderei aqui abordar todas as que me foram ocorrendo, mas destacaria pelo menos duas ou três. Primeiro: ao longo do conto acaba por se perceber que esta aparente harmonia entre o casal parece afinal dar conta de um grande desajuste; a saber, que o pai passava a vida fechado no seu escritório (ou sozinho ou com o tal advogado) fazendo experiências alquímicas. Terá morrido, precisamente na sequência de uma explosão provocada por ele próprio. A tristeza da mãe teria que ver, então, com este “desinteresse” do pai na vida conjugal, familiar e nos próprios filhos.⁷²

Desamparado e confuso (com um pai ausente e uma mãe amargurada e pouco atenta às necessidades do então bebé), Nathanael terá procurado activamente um mote para o delírio. Como se preferisse uma perseguição objectiva (da qual poderia ter a ilusão de se defender) a uma perseguição subjectiva, impossível de se lhe fazer frente já que o ataca por todos os lados.⁷³ Parecendo também, desta forma, buscar (como refere Winnicott [1958a/2000]) um sentido de realidade (de sentir-se real)⁷⁴ e de relação, enraizados na experiência de oposição activa, já que a raiz pessoal do impulso lhe teria sido vedada (Dias, 2011, pp. 96-97). Por outro lado, o conteúdo do delírio – a perseguição do “Homem da Areia” – parece também surgir deste “vazio de pai”; como se tivesse transformado a “perseguição infantil” que ele próprio fazia ao pai na “perseguição” que “lhe faltou” que este lhe fizesse...⁷⁵

Não custa pensar que nesta história (como infelizmente em tantas outras reais) a mãe – deprimida – mesmo que não tenha sido intrusiva, não protegeu o bebé convenientemente das invasões (quer elas viessem da realidade objectiva, quer viessem dos movimentos instintuais do próprio bebé). Por outro lado, mais sozinha (sem a participação do pai, seja na sua função de suporte à diáde, seja

⁷² O que terá sido associado, na experiência infantil de Nathanael, à proximidade do “Homem da Areia”.

⁷³ Refiro-me aqui ao desamparo já no tempo das transformações imaginativas das funções corporais. Por outro lado, também, à experiência de invasão que leva ao bloqueio do gesto espontâneo e à sensação de ser real, que passa a depender da experiência de oposição (Winnicott, 1958a/2000).

⁷⁴ Este sentido de realidade e “sentir-se real” vem da experiência enraizada no “gesto espontâneo”, tal como o teorizámos na segunda parte deste texto. Significa, portanto, que o sujeito não teve que reagir demasiadas vezes à intrusão da realidade (do meio); tendo, por um lado, acesso ao sentimento subjectivo de que experiência parte de si (da sua vida instintiva), e por outro que a realidade tem um sentido pessoal (já que tem raízes na vida subjectiva do bebé, ao invés de se impor traumáticamente).

⁷⁵ A hipótese aqui implícita é a de que, na história, Nathanael tivesse precisado do pai como objecto relacional alternativo à mãe, de tal forma que “tornasse este meio primário” menos persecutório (intrusivo); que facilitasse o processo de separação (“desconfusão”) deste objecto primário insatisfatório e/ou (o que seria ainda melhor) que servisse de suporte à mãe para que ela pudesse realizar a sua tarefa, mantendo-se ele próprio como figura secundária de suporte ao bebé.

no interesse pelo bebé), a mãe fica mais sujeita à cristalização destas falhas (criando modelos traumáticos de contacto com o bebé); quer fechando-se defensivamente na relação com o bebé (numa espécie de tentativa de curar-se a si própria), quer por falta de disponibilidade para a tarefa maternal (quer por excesso de proximidade quer por defeito, portanto); ficando mais suscetível de utilizar mecanismos de controlo e, consequentemente, de retaliação às tentativas de espontaneidade do bebé (não só por altura do “uso do objecto”⁷⁶ (Winnicott, 1971a/1975) e da fase do “concern” (Winnicott, 1958a/2000) mas também nestas fases mais precoces). Nestas condições, ficará até em risco de fazer uma leitura delirante do bebé; achando-o louco ou mau, como se lhe fosse insuportável dar (neste caso ao bebé) o que não tem para si (o que não recebeu, no passado, da sua própria mãe, da sua família de origem e, posteriormente, do seu marido, pai do bebé). Culpabilizada e deprimida, numa fase posterior, terá também muito mais dificuldade em dizer “não” ao bebé (usar adequadamente o seu próprio ódio), ficando mais sujeita a novos impulsos retaliatórios contra ele.

No conto, Nathanael, decepcionado com Clara (a sua doce noiva), troca-a por uma boneca de pau (Olimpia) que, ao contrário de Clara, não lhe destruía o delírio. Esta passagem mostra, de forma sublime, não só o quanto o delírio lhe era vital, como também o quanto ele necessitava de um objecto subjectivo inteiramente controlado por si⁷⁷ – primeiro sentimento de existência que lhe terá sido bloqueado pela depressão da mãe e consequente intrusão do meio.

Ao contrário de Clara,

Olimpia não bordava nem tricotava, não olhava pela janela, não dava de comer a um passarinho, não brincava com um cãozinho, nem com um amorzinho de gato, não enrolava nos dedos fitinhas de papel, nem outra coisa qualquer, e nunca necessitava de reprimir um bocejo com uma pequenina tosse forçada. (...) – O alma sublime e profunda –, exclamava Nathanael mal entrava no seu quarto –, só tu, apenas tu, me comprehendes!⁷⁸ (Hoffmann, 2005, p. 46)

⁷⁶ A fase do “Uso do Objecto” (Winnicott, 1971a/1975) refere-se à fase do amadurecimento em que a criança, por necessidade de deixar de viver num “mundo subjectivo”, destrói o objecto. Esta destruição não implica ódio, apenas a necessidade de colocar o objecto fora dos fenómenos subjectivos. Se o objecto sobreviver e não retaliar, então a criança passará a lidar com um objecto real. Concomitantemente passa a viver num mundo real e não num mundo “fantasmagórico” onde “todas as magias são possíveis” e onde nenhuma ajuda real é possível. Passa, portanto, a viver num mundo compartilhado, com os seus limites e satisfações reais, não subjectivas.

⁷⁷ A ausência do pai (na nossa hipótese interpretativa) terá deixado a mãe mais incapaz de realizar a sua tarefa nas fases mais precoces da vida do bebé. Esta necessidade de um objecto subjectivo inteiramente controlado por ele remete, na nossa leitura, para a necessidade de se assegurar que o objecto (o meio) não é intrusivo. Remete também para a necessidade que o objecto “se apague” (como tantas vezes observamos nos nossos pacientes psicóticos) para que o indivíduo possa existir ou emergir.

⁷⁸ “Só tu – porque não tens vontade própria – gostas de mim...”, acrescentaria Coimbra de Matos (Comunicação oral, 2014).

Longe de qualquer presunção de caracterizar a dinâmica que está por detrás das famílias que “geram” filhos psicóticos, não posso deixar de notar com bastante frequência nos meus pacientes psicóticos a congruência destes dois factores nas constelações familiares que apresentam. Refiro-me, nomeadamente, a mães bastante frágeis (muitas vezes, elas próprias psicóticas) a quem os filhos são entregues (ou que deles se apropriam) em quase exclusividade, e a pais (muitas vezes imaturos ou esquizóides) que se retiram para um mundo à parte, longe de preocupações. Uma variação deste modelo são os pais que, em vez de ausentes, são agressivos – ou são uma combinação das duas coisas (predominantemente ausentes, sendo agressivos quando tomam lugar na vida da criança), provocando grandes disruptões – tanto mais graves quanto mais precoce – e obrigando a criança a regressar à relação (mais ou menos perturbada) com a mãe. Neste caso, dificultam ainda o acesso a outras pessoas e a outras relações – outros familiares, outras pessoas do contexto social envolvente –, imprimindo um cunho de desconfiança e dificultando o acesso ao diferente e, por consequência, à escolha.⁷⁹ Estão reforçadas as condições da doença, da repetição e da alienação, no lugar da saúde, da criação e da inovação.

Samuel é o meu Nathanael. A nossa história é já muito longa e eu (porque este texto também já vai longo) não a vou poder relatar aqui de forma completa. Mas posso dizer que ela tem cerca de oito anos e que tem sido muito rica em acontecimentos. Para começar, assim que sentiu a relação terapêutica como um lugar confiável, Samuel permitiu-se adoecer.⁸⁰ Antes não podia; além do mais, precisava tomar conta da mãe e de uma irmã (igualmente psicótica). Apareceu-me, por assim dizer, cristalizado e com uma família onde nada havia a apontar.⁸¹ Ou, melhor dizendo, confuso, sem saber falar de si ou dos outros; sem distância entre si e os outros; sem saber de si nem dos outros.⁸²

Apático e desvitalizado interrogava-se; e eu interrogava-me também, donde lhe vinha o mal-estar e o sentimento de que a vida não lhe fazia qualquer sentido...

Interrompeu a psicoterapia por duas vezes. Uma, porque em determinada altura simplesmente não suportava o contacto humano – nem comigo, nem com qualquer outra pessoa (soube depois que

⁷⁹ O “novo”, que na saúde é visto com entusiasmo e curiosidade, é aqui visto com apreensão e desconfiança, encerrando o ciclo vicioso que fecha a criança com a mãe. Predomina, portanto, a doença e não a saúde; os fenómenos repetitivos, no lugar da criatividade.

⁸⁰ Função do colapso (neste caso, delírio); cf. Dias, 2011, pp. 162-164.

⁸¹ Família sem conflitos, como tão frequentemente vemos nas famílias psicóticas, onde reina a confusão, a alienação e o fechamento ao exterior; sustentando uma espécie de delírio familiar, como adiante se verá.

⁸² O que a clínica me tem mostrado é que, mesmo em personalidades não-predominantemente-psicóticas, os núcleos psicóticos são sempre confusionais. É como se em determinadas alturas faltasse a distância entre o sujeito e o objecto, seja a nível da acção (por exemplo: “É mais forte do que eu! Eu sei que naquele momento não sou eu, sou a minha mãe, mas não consigo evitar! Dou comigo a fazer com o meu filho tudo o que ela me fazia! Que horror! Até a minha voz fica como a dela!”), seja a nível do pensamento (em que predomina uma visão deturpada – a mais das vezes idealizada – sobre o objecto).

ficava recolhido, dias e noites no seu quarto).⁸³ Outra, porque após um surto psicótico passou a ter ataques de pânico; pelo que achou melhor trocar-me por outro terapeuta – um homem, note-se;⁸⁴ como se procurasse um meio masculino – intuindo subjectivamente o que lhe faltava;⁸⁵ como se dessa falta guardasse uma certa memória implícita; inscrita, diríamos, no seu “inconsciente implícito” (nas palavras de Coimbra de Matos) ou “não acontecido” (nas palavras de Elsa Oliveira Dias⁸⁶).

Das duas vezes voltou e das duas vezes foi acolhido por mim com entusiasmo.

Antes da segunda interrupção passamos por um período de grande intensidade emocional (só semelhante ao estado de fusão inicial entre a mãe e o seu bebé). Eu fui o seu primeiro objecto subjectivo relativamente satisfatório. Nenhum de nós dois tem dúvidas sobre isso. As nossas conversas eram uma espécie de monólogo a dois, a harmonia era perfeita.

Clinicamente podemos compreender esta segunda interrupção como uma necessidade de distância (separação) “mal gerida” na relação terapêutica (a complementaridade saturada de que nos fala Coimbra de Matos) que terá conduzido à passagem ao acto (*acting out*) da procura de outro terapeuta (um terceiro – nomeadamente, um terceiro masculino – que separe e evite um “mal maior”, que seria uma espécie de “fusão maligna” conducente à morte psíquica; a alienação no outro, anulando todas as diferenças, inclusivamente, as diferenças de sexos).

Com efeito, depois da segunda interrupção, a nossa relação sofreu uma mudança significativa. Embora continuemos a ter visível gosto em estar um com o outro, já nem sempre estamos de acordo, já nem sempre antecipamos o que o outro vai dizer... Desde a “história” do outro terapeuta tudo mudou. Samuel, agora tem outra versão da vida e do mundo. Olha-me com outros olhos – olha-me a partir da relação que teve com o seu “pai analítico” e inteligentemente guarda-o dentro de si; como também me guardou a mim dentro dele quando o procurou⁸⁷ – pequenos tesouros que o deixam menos só e menos desamparado perante o outro. Agora já é possível discordar, porque já é possível estar só na presença do objecto e, assim sendo, os processos de separação e de diferenciação ganham outro

⁸³ Winnicott fala nesta necessidade máxima de proteger o Eu Verdadeiro frágil a todo o custo (Winnicott, 1958a/2000) – seja pela construção de um Falso Self, seja pela retirada esquizóide.

⁸⁴ Embora pudéssemos supor que, em termos de amadurecimento, se encontrasse na fase de “dependência absoluta” (Winnicott, 1958a/2000).

⁸⁵ O tal “holding paterno” ou “masculino” que lhe faltou.

⁸⁶ Elsa Oliveira Dias chama “inconsciente não acontecido” à forma negativa do inconsciente originário (Dias, 2012, p. 165). Inconsciente implícito (Coimbra de Matos, 2003) ou “não acontecido” (Dias, 2012). Inconsciente implícito ou “não acontecido” este que toma, assim, o lugar – é o negativo – do que Winnicott chamou inconsciente geral ou primário e do que Elsa Oliveira Dias chamou inconsciente originário (Dias, 2012, p. 165).

⁸⁷ Parto aqui da hipótese de que a separação lhe possibilitou o acesso à fase do “Eu-Sou”; o que parece confirmar-se no decurso posterior do trabalho terapêutico.

ritmo; assim como a lucidez do seu olhar sobre o mundo.⁸⁸ A vida agora é vida com um sentido próprio e individual, embora os dois saibamos que um longo caminho ainda nos espera (ou não fossem estas aquisições sistematicamente sujeitas a retrocessos – rearranjos necessários para que se possa continuar em frente). Embora ainda subsistam angústias confusionais, o que agora predomina é o medo que eu me zangue⁸⁹ perante as suas tentativas de autonomização.⁹⁰

Entre os vários aspectos que mudaram objectiva e subjectivamente na sua vida, destaco o seu discurso sobre a família que, devo dizer, me parece bastante lúcido.⁹¹ Assim, a família subjectiva dos primeiros tempos deu lugar a uma família mais objectiva; tal como aconteceu, aliás, com a sua leitura do resto do mundo:

Cada vez vejo com maior clareza... os meus pais são loucos, e enlouqueceram-nos... O pior é que eu sei que ainda não estou livre deles; eu sei que ainda me deixo confundir com muita facilidade. É o caminho mais fácil; deixar-me seduzir pela promessa de uma vida fácil e sem problemas, onde eu não precise de crescer – eles dão-me tudo; como têm dinheiro, isso para eles é fácil – só que a moeda de troca é não ter vida; é a minha vida ser deles; é não poder sonhar nada que eles roubam-me todos os sonhos... Eu sei, tenho que escolher: ou vendo a alma ao Diabo e sou um morto-vivo ou ponho-me a trabalhar com unhas e dentes até conseguir ser independente e não precisar mais deles... Mas o pior é que me custa, porque se por um lado quero, por outro, confesso, quero fazer o que eles me propõem: ser bebé para sempre, não crescer e ficar sempre na dependência deles. Embora saiba que, para isso, terei que me aguentar com as manipulações da minha mãe e com as críticas agressivas do meu pai, que não me soube ajudar a ser autónomo mas está sempre pronto a fazer-me sentir inútil e incapaz. Cada vez vejo com maior clareza... os meus pais são loucos, e enlouqueceram-nos... A minha mãe não tem vida própria e suga-nos a vida – sempre a negar a passagem do tempo: para ela, o ideal era que nós não crescéssemos; que ficássemos sempre crianças imaturas para lhe dar um sentido à vida – e por isso passa a vida a dizer que nós somos especiais; diferentes das outras famílias; como se nos quisesse convencer que somos melhores do que os outros, percebe⁹²?... E o meu pai, na verdade, não se pode dizer que é um pai – é uma criança; mais um filho da minha mãe... o que não o impediu de ser agressivo connosco, claro! Achava-se um filho com direitos especiais!... Mas, o pior de tudo é que eu sei que ainda não estou livre deles... eu sei que ainda me deixo confundir com muita facilidade... Ainda não estou imune à sedução da minha mãe... Não crescer, não ter que me esforçar... é tentador... embora eu saiba que se embarco nisso fico sem sonhos... sem vida, sem alma... Mas nem sempre tenho coragem para enfrentar o mundo... Ainda me faltam muitos instrumentos...

⁸⁸ Ainda seguindo a mesma hipótese de diagnóstico progressivo, Samuel terá saído da relação totalitária com um objecto único (Coimbra de Matos, 2007).

⁸⁹ Denunciando – ainda de acordo com a nossa compreensão clínica do caso – a passagem para a dependência relativa; a destruição que dá origem ao “uso do objecto” e a possibilidade de acesso ao “concern”.

⁹⁰ Tentativas de autonomização por vezes um pouco “desajeitadas”, como faltar às sessões ou desafiar-me procurando erros lógicos no meu discurso. O medo é, portanto, o medo que eu retalhe.

⁹¹ A boa evolução dos processos de separação e de diferenciação permitiram-lhe uma leitura mais objectiva da realidade, nomeadamente da família. Devo deixar aqui a nota de que me foi possível conhecer a família – por altura do seu surto psicótico – e que o seu discurso me pareceu perfeitamente adaptado à realidade observável.

⁹² O delírio familiar que atrás referíamos.

A meu ver, uma análise não está completa – seja ela qual for e, nomeadamente, a análise dos núcleos psicóticos da personalidade⁹³ – sem a elaboração interna da família subjectiva para a família objectiva e sem a consequente clarificação dos defeitos estruturais de cada um dos pais, que estão na origem da doença.

Em jeito de conclusão, diria que a ausência destes contactos primários com a diversidade – e nomeadamente com o pai (primeira figura significativa diferente) – é pouco facilitadora dos processos de separação e diferenciação que permitem o acesso às clivagens saudáveis; estas, por sua vez, tornando possível a passagem (desde os tempos mais remotos) da experiência subjectiva à experiência objectiva e mais tarde ao conhecimento objectivo (no qual se inclui o conhecimento da sua história e, com ela, da sua família).

E terminaríamos com as palavras de Coimbra de Matos:

O primeiro grupo – a família nuclear marca a nossa história, no bom e no mau; e traça as linhas mestras do nosso futuro, para o melhor e para o pior. Toda a importância dada à família será, portanto, sempre pequena, menor e insuficiente. (Coimbra de Matos, 2004, p. 280)

Referências

- Balint, M. (1993). *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Porto Alegre. Artes Médicas.
- Belo, M. R. (2012). O estrangeiro ou o seu negativo: uma reflexão inspirada em Pontalis. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 32(2), 73-87.
- Belo, M. R. (2013). Destrução e recriação: dinâmica inevitável à vida. Se... Não... *Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*, 3(2), 263-282.
- Bowlby, J. (2006). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Coimbra de Matos, A. (2003). *Mais amor menos doença: a psicossomática revisitada*. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (2004). *Saúde mental*. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (2007). *Vária. Existo porque fui amado*. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (2011). *Relação de qualidade. Penso em ti*. Lisboa: Climepsi.
- Damásio, A. (1994). *O erro de Descartes*. Mem Martins: Europa América.

⁹³ Os núcleos psicóticos são sempre (em nosso entender, e como atrás referímos) núcleos confusionais, onde falham os processos de separação e diferenciação, mesmo que estes núcleos possam vir de uma experiência perturbada na fase de “dependência absoluta” (Winnicott, 1958a/2000). Por exemplo, a impossibilidade de uma experiência de fusão completa, nos termos propostos por Winnicott (1958a/2000), pode trazer grandes dificuldades aos desejados processos de separação e individuação posteriores. Sem “ilusão” não pode haver “desilusão”, como o próprio Winnicott chama a atenção (Winnicott, 1958a/2000).

- Damásio, A. (2000). *O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: Europa-América.
- Dias, E. O. (2011). *Sobre a confiabilidade e outros estudos*. São Paulo: DWW editorial.
- Dias, E. O. (2012). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. São Paulo: DWW editorial.
- Dias, E. O. & Loparic, Z. (orgs). (2011). *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo: DWW editorial.
- Eisenberg, B. et al. (1964). Auditory Behavior in the Human Neonate a Preliminary Report. Apud Cramer, B. (1987). *A dinâmica do bebé*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Fairbairn, R. (2000). *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Lisboa: Vega.
- Hoffmann, E. T. A. (2005). *Contos nocturnos*. Lisboa: Guimarães.
- Kohut, H. (1989). *Como cura a psicanálise?* Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pérez-Sánchez, M. (1983). *Observación de bebés: relaciones emocionales en el primer año de vida*. Barcelona: Paidós Educador.
- Pontelli, A. (1995). *De feto a criança: um estudo observacional e psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rosa, C. D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza humana*, 11(2), 55-96.
- Stern, D. (2006). *O momento presente: na psicoterapia e na vida de todos os dias*. Lisboa: Climepsi.
- Klein, M. (1957). *Envy and Gratitude*. Londres: Tavistock Publications.
- Wilhem, J. (1992). *O que é psicologia fetal*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1971a)
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1965b)
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1988)
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1958a)
- Winnicott, D. W. (2002). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1984; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1984a)

Winnicott, D. W. (2005). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
(Trabalho original publicado em 1965; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos
1965a)

Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original
publicado em 1986; respeitando-se a classificação de Hjulmand, temos 1986b)